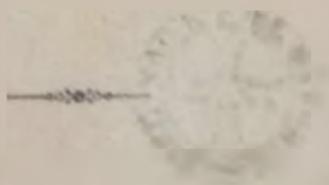


VALENTIM MAGALHÃES

---

CANTOS

LUCTAS



SÃO PAULO

1870

304-5

17

D. M. C. M.

A

REPUBLICA

#### ASSIS BRASII.

Envio-te colleccionados os meus versos. Vão envoltos nesta um longo e sincero abraço de profundo agradecimento. Os versos que vão apparecer sob o titulo de CANTOS E LUCTAS, são os que ha tanto tempo estavam promettidos sob o de QUADROS E RIMAS. Essa promessa de publicação ia sendo addiada pelo tempo afóra, graças ás difficuldades materiaes que esmagavam-me as intenções. Uma tarde em que me vieste visitar com o neto Castilhos, fallaste-me casualmente no livro. Contei-te os apuros em que me via e confessei-te que estava quasi resollvido a não o publicar. Foi então que me disseste com a tua magnifica simplicidade de dizer as cousas: « Olha, si queres, eu publico-o ». Aceitei. Conhe-

ço a sinceridade e a dedicação que te distinguem e a estima que me tens. No meio do pollular das odiosidades gratuitas, das invejinhas anemicas, e das intrigas impudentes, o facto de publicares os meus versos é um soleuno testemunho de que não são tão desprezíveis de lêr-se como ellas o propalam. Foi essa a principal razão que levou-me a accetar o teu generoso offerecimento. Excusado é dizer-te o quanto te sou agradecido, e o quanto, de ha muito, te estimo o caracter e admiro o talento.

Adeus.

Abraço-te.

VALENTIM MAGALHÃES.

Côrte, 10 de Junho de 1879.

## A Idéa Nova

A BARROS CASSAL.

Abysma o teu olhar no azul do firmamento,  
Devassa o velho Olympo, o velho céu christão -  
A' serena altivez do seu deslumbramento  
A indagadora vista elevarás em vão!

Esta deserto o céu! No grande isolamento,  
Palpita ensanguentado o sol—um coração...  
Mas os deuses de Homero, o Jehovah sangrento,  
Allah e Jesus Christo, os deuses onde estão?

---

Morreram. Era tempo. Agora encara a terra :  
Canta alegre a officina e canta alegre a escola,  
O Genio enterra o Mal em uma negra cova.

Deus habita a Consciencia. O coração descerra  
Aos osculos do Bem a rubida corolla.  
Vem perto a Liberdade.

E' isto a Idéa Nova.

S. Paulo, Abril, 1879.

## O heroe moderno

A ASSIS BRASIL

I

Quando ás vezes meus olhos se dirigem  
Tomados de pavor e de vertigem  
Aos nossos tempos maus e doentios,  
Tenho fundas saudades lancinantes  
    D'esses tempos distantes  
Em que os heroicos peitos palpitavam  
Sob os ferreos colletes luzidios,  
E em que as longas espadas scintillavam  
    No punho dos heroes,

Com aquella altivez serena o fôrto  
 Que affronta os vendavaes, que affronta a morte  
     A' viva luz dos aões;  
 Em que os olhos honestos, sonhadores  
 Tinhaem em si os limpidos fulgores  
     Das almas virginaes,  
 Mas que brilhavam rubidos, accessos,  
 Si o crime porventura traspassava  
     Com os torvos punhos  
     Os peitos indefezos.

Eu sei: foram trevosos e maldictos,  
 Cheios de fundos erros e de mythos  
     Esses tempos de outr'ora.  
 Da Liberdade a resplendente aurora  
 As almas inundado não havia,  
 O clero, o feudalismo, a monarchia,  
 Tomados de fatal hydrophobismo,  
 Como os rijos tufões da ventania,  
 Plantavam sobre a terra o despotismo.  
     Nos bronzeos corações  
 As coleras vivavam surdamente,  
 A Honra era uma deusa incandescente,  
 A vingança uma Eumonide terrivel  
 Desgrenhada, pantherica, impassivel,  
 Espumando em medonhas contorções...  
 Nas delicadas taças das orgias  
     Bebiam-se alegrias  
 Com o sangue dos miseros vencidos.

Na floresta das almas os gemidos  
 Cantavam tristemente as elegias  
     Das dores immortaes,  
 Sombria como os canticos de Homero  
 Vibrava pelo mundo em desespero  
 A ensanguentada voz dos temporaes,  
 Era a alma uma esphera tenebrosa  
 Como um astro apagado nas alturas,  
 Ou como perfumada e rubra rosa  
 Suffocada no pó das sepulturas,  
 Era Deus um guerreiro gigantesco  
 Heroico, aventureiro, romanesco,  
 Brandindo a grande espada dos combates,  
 Como um Titão feroz e soberano  
 Envolvido em roupagens escarlates.

O Sentimento Humano,

Como uma estranha planta delicada  
 Que precisa do sol e da orvallada  
 E que bróta em rebentos tortuosos,  
     Não sendo bem tratada,  
 Os galhos bracejava allucinados,  
     Phantasticos, exóticos,

Eu conheço esses tempos ahyminados  
 Do infortunio nos vórtices caóticos,  
 Repletos de ruínas e destroços;  
 Mas quando em parallelo os ponho aos nossos,  
 Comparando os espiritos modernos  
     Aos antigos varões,

Prefiro aos hodiernos  
Os antigos e fortes corações.  
Os guerreiros de outr'ora tinham n'alma  
    A heroicidade calma,  
    Immaculada e enorme  
De um velho Deus que sob o céu risouho  
Repousado, a sorrir, tranquillo dorme  
Envolvido na luz de um grande sonho.  
Nos corações antigos habitava  
O denodado arrojo da bravura,  
Nelles havia a lucida loucura  
    Chamada sacrificio.  
O luctador á morte se arrojava  
Para que Deus solemnemente ungisso-o  
Com a suprema bençam das victorias.  
Como altivos condores fabulosos  
    Aninhavam as glorias  
Nas almas impollutas dos heróes,  
E havia um quê do palpitar dos sóes  
    Na luz dos seus olhares.  
As calidas paixões cavalhoirescas  
    Dos velhos titulares,  
    Dos fidalgos antigos  
Tinham a santidade dos altares  
    E a força dos castigos.  
A sua longa espada valorosa,  
Como facha de luz esplendorosa,  
Atrava-se intrepida á batalha,  
Defendendo seus reis e seus amores

. . . . .

Não ha hoje um heróe que aquelles valha!  
A raça dos leões e dos guerreiros  
Degenerou em raça de mastins!  
Oh destino cruel! Miseros fins!  
O nojento reptil da hypocrisia  
Manchou de visgo os rutilos sacarios  
Da entidade moral!  
A vergonha despida tripudia  
Nos criminosos braços dos sicarios.  
Vaç florecendo o Mal!

O' leões de outro tempo! Ilustres velhos  
Que leis do valor os evangelhos,  
Ajoelhando, graves, recolhidos  
Da honra ante o altar!  
Que trazieis nas fronteas esbatidos  
Os mysterios da luz crepuscular,  
O' rostos enrugados e valentes  
Em que jamais a mão dos insolentes  
Tocava, sem cahir no chão cortada!  
O' augustas e niveas cabelleiras  
Que creis como uma aureola sagrada  
N'ossas marmoreas fronteas sabanceras,  
O' coraçãoes estoicos!  
Intrepidos e sãos, puros e hercaeos,  
Em que terym o sangue do pudor,  
— Eu lembro-me de vós,  
Apostolos da honra e do valor  
Intrepidos heróes!

## II

O heróe moderno é um pallido rapaz  
Postiço, perfumoso, affeminado,  
Exhibindo ante a fria luz do gaz ✱  
O seu fino sorrir falsificado.  
Não sabe rir de uma risada franca.  
    Não esgrime o florete,  
E joga simplesmente o *voltarete*  
Por sentir grande horrôr pela arma branca.  
    E' heróe, mas da moda.  
Moda de opiniões como de calças.  
    E gasta a vida toda  
Enganando sua alma alegremente  
Com as fallazes glorias do desbrío  
E os torvelinhos lubricos das walsas.  
Atravessa da morte o negro rio  
Em um flórido barco sorridente.  
Vae-se aos poucos deitando no ataúde,  
Ao deitar-se no leito do impudor.  
Elle cospe no rosto da virtude  
E ri-se com os risos da descrença  
Si uns labios de mulher dizem-lhe: Amor.  
Nem siquer sabe crer. A treva densa  
E terrivel do nada o conquistou  
E elle é como um planeta que tombou  
De subito nas fauces do infinito.  
Seu debil coração inconsistente,  
    Como as ondas de areia

De um tristonho deserto,  
E' somnolento, sceptico, maldicto,  
Como um fructo fatal nascido perto  
Das margens do Mar Morto.  
E' náu perdida, a navegar sem porto.  
Não palpita, não sonha, não aneia  
As luzes do Ideal. Como um precito  
Macilento, esqueletico, idiota,  
Que traz no magro corpo a veste rôta  
E pelas solidões triste vagueia,  
Assim seu coração, sem rumo cóрто,  
Estupido e tristonho vac vivendo.

Sem duvida está perto o fim tremendo,  
O espantoso castigo desta raça.  
E' tempo de arrancar o peito em sangue  
A' insaciavel fome da desgraça!  
O' céo indifferente e esplendoroso  
Que arqueias sobre nós a curva langue  
Do teu profundo azul voluptuoso,  
Dissolve-te em diluvios de castigos,  
Em borrascas de fogo e de vingança!  
Ou manda-nos a pomba da Alliança  
Que nos seus vôos placidos, amigos  
Nos traga da oliveira do futuro  
A delicada folha verdejante!...

Eu vejo tudo escuro.

Que ruja o vendaval!...

Está tão perto o Ideal

E nós agonizando moribundos!

Albatroz que subiu nas largas azas  
 Aos abysmos do céo  
 E que ao beijar a viva luz dos mundos  
 Despenhou-se e morreu!  
 Eis o nosso valor!...

## III

E' triste o ter saudades do Passado,  
 Quando a senha do mundo é: Caminhar,  
 Quando ao homem, na duvida abysmado  
 Vem a frente, a Sciencia illuminar...

Haver no craneo luz e no entretanto  
 Jaser em negra noute o coração!...  
 Rutilarem as glorias entre o pranto,  
 Beijar a luz do sol á podridão!...

O' Honra, o Consciencia,  
 Não e' possível, não, que a grande tumba  
 Dos seculos no pó vos sepultasse!...  
 E' mister que a Alma Humana não succumba.  
 E a sagrada missão nos tempos trace!...  
 Esmaguem-se os broqueis, partam-se as lanças,  
 Dos bronzes dos canhões façam-se estatuas!  
 E dos templos escolas pr'as crianças!  
 Ah! é outra a batalha!

---

Cale-se a voz sangrenta da metralha,  
Erga-se a voz piedosa do Direito !  
Que o coração a palpitar no peito  
Se atire a nova liça !...

Eu no Porvir presinto a Felicidade.  
Quando pairar por sobre a Humanidade  
A bênção sacrosanta da Justiça !

S. Paulo—Abril—1879.

## Mão

A JOÃO MORRA

É quasi madrugada.  
Na mesa junto á cama,  
Da lamparina a chamma  
Tremula amarellada.

Na solidão calada,  
O pendulo reclama  
O peito de quem ama  
A' placida morada.

Que blasphema e que esmola.  
O seu timido olhar mysterioso,  
Vae da ruidosa multidão da praça  
A' vazia sacóla.

Entram na igreja as damas elegantes,  
Exhalando perfumes delicados,  
E suspendendo as caudas roçagantes  
Que custaram insomnias aos maridos.

Os burguezes senis, condecorados,  
Vão seguindo das filhas os vestidos.

E toda a multidão devotamente  
Descobre-se ao subir a escadaria  
Do magestoso templo refulgente.  
Levam todos no rosto a beatitude.  
O aspecto da oração e da virtude,  
Emquanto levam n'alma a hypocrisia.

Soam mais alto os mysticos cantares.  
Alegremente fulgem os altares  
Entre incensos febris,  
Emquanto geme, á porta, a voz dorida  
Funebrenmente rouca e estremeçada  
Do misero infeliz.

.....

---

E toda aquella gente que corria  
A' adoração do filho de Maria  
    Ensanguentado e doce  
Passava pelo pallido indigente  
Como si aquelle ancião pobre e doente  
    Um cão leproso fosse.

Cruel religião que esbanja em festas,  
Em pagodes inuteis e sagrados,  
    O que bastante fôra  
Para valer aos nús, aos desgraçados  
E fazer com que as almas deshonestas  
    Vissem de novo a aurora!

Maldieta Igreja a Igreja que abandona  
A' garra insaciavel da miseria  
    Os orphãos e os mendigos,  
Em quanto o gordo conego ressona  
Na gostosa indolencia da materia  
    Sem temor a castigos!

Religião do tigris a que prega  
A Caridade, o Amor, o Sacrificio,  
    O consolo aos afflictos,  
E sem pena, e sem dó, rezando, entrega  
Dos crimes e da fome ao precipicio  
    Milhares de precitos!

.....  
 Como um tigre colérico, sangrento,  
 Agachado no lobrego escondrijo,  
 Do mendigo no cráneo velho e rijo  
 Assim rosnava surdo o pensamento;

« O pallido e piedoso nazareno,  
 Que andaste pelo mundo doceamente  
 Apagando nas almas o veneno  
 E derramando o mel do olhar elemento  
 Por sobre os corações amargurados  
 Que, com labios ethereos, inspirados,  
 Pregavas as parabolis sublimes,  
 Que eram como as eclipticas dos astros!  
 Tu que esmagaste as viboras dos crimes,  
 Deixando n alma os luminosos rastros  
 Que accendiam da Honra o alampadario;  
 Que pregaste o Perdão, a Caridade,  
 O amor á infancia, aos pobres, á orphanlads,  
 E que expiraste, emfim, sobre o Calvario  
 Envolvido no dó da Natureza !...

(Y Christo, um dia, como a Biblia reza,  
 Trez vezes te negou um teu amigo !

Oh ! negra ingratição !

Poste além disto atraçoado e morto,  
 Depois da noite fanebre do Horto

---

Em que em meio á agonia da Paixão  
O calice da dôr foi ter contigo !...

Foste um martyr, um genio, um coração  
Cheio de paz, de amor, de compaixão !

Hoje és menos que um anjo victimado  
Do cujo peito o sangue espadancaja :  
Tu hoje, ó Homem-deus ! és um mendigo,  
Um sacrosanto e triste desgraçado  
Que mendigas um pão,  
Com o labio eloquente e inanimado  
Para a faminta e rôta multidão  
Sentada nos degraus da tua Igreja ! »

S. Paulo—Agosto—1879.

## Piedade catholica

A SILVA JARDIM

No quarto de um vigario. A triste lamparina  
Amarellada e fraca expira lentamente...  
Sobre um immenso leito o conego dormente  
Esbate contra a luz a face purpurina.

Dorme um somno feliz, um somno de innocente.  
Num banco o breviario, ao lado da batina.  
Na parede um Jesus, immovel, raciocina  
Sobre o inferno talvez!... Silencio!... De repente

Sob forte pancada estremeceu a porta...

—Quem é que me incommoda assim á hora morta?

Interrogou do padre a voz extremunhada.

—Accuda á minha mãe! Depressa! Está expirando!

O apostolo de Deus no leito se voltando,

—Pois que expire! bradou... e não se ouviu mais nada!

S. Paulo—Abril—1879.

## Prenúncio de aurora

A « Evolução »

Entre nuvens de pó, das ruas das calçadas  
Passam as multidões activas, apressadas.

Sentem-se do trabalho os fervores pulcros  
Arremessando ao ar as festivas canções.

Passam continuamente, em tacelusão espessa,  
As manifestações ardidas do Progresso.

Das velhas chaminés, subindo em espiraes,  
 Precipita-se o fumo. Ouvem-se os ardensaes  
 Cantando herculeamente as odes immortaes.  
 Os poemas de ferro. E' uma lyra o malho.  
 E' nobre a inspiração e chama-se Trabalho.  
 E a Musa, a grande Musa auctora e sacerdotisa,  
 Que para o céu azul os olhos alevanta  
 Banhados no fulgor virgíneo da Justiça,  
 Que prega aos corações a lei da Nova Missa,  
 Cheia de robustez, de amor, de honestidade,  
 Essa Musa ideal chama-se Liberdade.  
 Thuribulo gigante : uma cidade inteira !  
 Por incenso sagrado o fumo das fornulhas,  
 Ferem-se na offeina as rigidissimas batalhas  
 Da vida contra a morte, a velha traçoira,  
 E cada som que solta o malho na bigorna,  
 Que o negro muda em rubro e o ferro em brasa torna  
 Cada som que elle tange é o som d'uma passada  
 Do exercito audaz, da legião sagrada  
 Das almas a marchar para o Futuro : a Luz !

O magestoso sol dos velhos céos azues  
 Beija serenamente a fronte dos abreiros.

Na bronzeada tez dos rostos dos ferreiros  
 Esbate-se o luar sanguineo dos carvões,  
 E, sob o labutar dos musculosos braços,  
 O ferro serpenteia em rubras contorsões.

Colorido espargindo accessos estilhados,  
Um delles tom na fronte illuminada e larga  
Essa *quid* que accende a electrica descarga  
Que illumina o porvir e chama-se Talento  
Forte como o oceano e leve como o vento,  
Nos seus olhos lensas, mansos, porém valentes,  
Reflecto-se o fulgor dos filões candentes,  
A candida altivez dos sonhos impolutos.

Ha naquelle operario a mansa robustez  
Que, dos poltrões, distingue os homens revoltos.

Subito, um som agudo no longe ouvir-se fez,  
Era um som de clarim, intermittente e forte,  
Logo após toda a rua encheu-se dos abalos  
De um ruído de carro, e patas de cavallo.

Era o coche do rei seguido da alta corte.

Assim que o dividava o povo humildemente  
Trazia o seu chapão com gesto de indigente  
E o rei cumprimentava os seus fiéis vasallos  
Talvez por não poder, de um golpe degolal-os.  
Quando o coche real passou pela officina  
Banhada no clarão da chama purpurina,  
O monarcha saudou risinho, venturoso

O audaz trabalhador robusto e talentoso.  
Este erguendo, entretanto, o rigido martello,  
No monarca fitou o seu olhar singello,  
Não o saudou, porém. Immovel, taciturno,  
Como quem 'stá pensando em um pezar seturno,  
Quedou-se. E o seu olhar que nos poucos s'inflammava  
Tinha em si o fulgor que denuncia a lava.  
No emtanto o rude braço erguido sobre o ar  
O trabalho esquecera...

O' Luz! ó Liberdade!

Não estás longe, não! Vens perto na verdade,  
Pois que o trabalhador começa a meditar!

Tinguy, Junho. 79.

Carta ao exm. barão de \*\*\*

Senhor barão!

Por Deus, que sinto-me acanhado  
Ao lançar mão da penna, e vejo-me inundado  
Do gelido temor que sente-se ao fitar  
O porte marcial de um velho titular.  
Escrevo-vos, senhor, de pé, cabeça nua.  
Meu pobre pensamento acanha-se, fluctua,  
Sobre o roseo setim de um flácido papel,  
Mais leve do que o ar, mais doce do que o mel.  
Não sei como exprimir da epistola o motivo,  
Que vos vou dirigindo em pessimo cursivo.  
Eis o caso, barão:  
No baile divinal

## Fiat lux

A RAYMUNDO CORRÊA

Sinistra escuridão que a pégo habitas,  
Replecto do silencio tumular,  
Em que gemem as coleras maldictas  
Que se vão no Infinito espedacar ;

Pallidas nuvens que passaes afflictas,  
Tristezas espalhando pelo ar,  
O' profundas blasphemias infinitas  
Que troveja o rancor do velho Mar :

Sombras, ventos, borrascas, estertoras,  
O' livida phalange dos furores,  
Arremessae-me o cahos ao coração!

Que ha de romper a aurora fecundante,  
Do candido sorrir da minha amante,  
Que será como o Deus da Creação!

Tinguy, Junho, 79.

## Contraste

A HOMERO BAPTISTA

Hoje é domingo, o dia  
Do universal descanso.  
Vae placida harmonia  
No ar sereno e manso.

As minhas vistas lanço  
Ao mundo que irradia,  
Do fulgido remanso  
Na santa lethargia.

O sol, como um caixeiro,  
O trage domingueiro  
Exhibe na amplidão.

— Repousa o Deus amigo,  
No entanto um vil mendigo  
Chora, pedindo pão!

S. Paulo, Setembro, 1878

## Os dous edificios

A MZU TO O SR. DR. JOÃO ALVES MEIRA

Encaram-se de frente as duas construcções.  
Uma é robusta e só, sinistramente austera,  
Cheia dessa mulez que camufla os corações.

Parece de repente a estatua de uma fera.  
A outra é como a flor, as aves e as crianças,  
E lembra, em frente áquelle, o inverno e a primavera.

E' risonha e pequena, esbelta e festival:  
A luz em frente á sombra, a fome em frente á escola.  
O Deus da Liberdade em frente ao Deus do Mal.

Victor Hugo fitando Ignacio de Loyola!  
Era um contraste enorme, extranho, original!  
Aquella é uma cadeia, a outra é uma escola.

A cadeia é um vasto, um rigido edificio  
Feito de ferro, pedra e maldições e ais,  
Em que blasphema o crime e em que fermenta o vicio.

Os muros de granito, immoveis, colossaes,  
Sepultam no seu ventre a dor, o sacrificio,  
A medonha explosão das raivas infernaes.

Na escola bate o sol alegre, esplendoroso.  
Saem de lá de dentro as vozes infantis  
Como de um ninho quente um canto perfumoso.

Estão presos ainda os passaros gentis!  
E' quasi meio dia. Um velho criminoso,  
Da cadeia, encostado, espreita nos gradis.

Tem a cabeça branca, as faces encovadas  
E uns olhos de chagal. Encara de travez,  
E ri-se de vagar com funebres risadas.

Entregava-se em moço ao jogo e á embriaguez.  
Uma noute matou um homem á facadas.  
Depois foi atirado á noute das gales.

Encostada a cabeça aos ferros da janella  
Queda-se a meditar. Com triste lentidão  
Passeia de espingarda ao hombro a sentinella.

Sõa nm sino na escola e logo a multidão  
Das crianças sorrindo, alegre, tagarella,  
Sac á rua, á gritar, pulando, em confusão.

Immovel na jauella o velho condemnado  
Os meninos contempla, alegres a correr...  
E com um tom de voz, profundo, amargurado,

Murmura surdamente : « Eu nunca soube lèr ! »

S. Paulo—1879.

### Sancta simplicitas

Tu não me accendes n'alma, ó minha amada,  
Os incendios fataes do sensualismo,  
Minh'alma ao te avistar fica banhada  
N'um sacrosanto e meigo magnetismo.

Quando entornas em mim o doce abysmo  
Da harmoniosa luz que tens guardada  
Nos teus olhos rivaes da madrugada,  
Eu sinto-me invadido d'um lyrismo

Profundo como a dôr da Virgem Santa,  
E casto como o incenso que levanta  
Ao firmamento azul, a Natureza,

—No entanto o teu sorrir e a tua fronte  
São simples como as flores que no monte  
Vae colhendo, ao passar, a camponeza.

No futuro

A PEREIRA DA COSTA

A' trovejada voz dos céus tempestuosos  
Estremeçam de horror os pallidos poltrões  
E arrojam-se á batalha os peitos valorosos

O' corações leaes, ó rijos corações,  
Erguei-vos! Escutae! Pela amplidão distante  
Presente-se o marchar de muitos batalhões.

Vem no ar não sei quê de heroico e fecundante.  
Falla de guerra e morte a voz do temporal  
E falla de victoria o Oceano delirante!

E' chegado o momento, homerico, immortal,  
Esperado com ancia ha tantos centos d'annos,  
Como o novo Jesus, asperrimo, fatal.

Impavidos heroes! Leões prometheanos!  
Eis a Justiça emfim! Ouvi ao longe, ouvi,  
A senha dos clarins vibrantes, soberanos!

Serpentes do passado, esbravejae, rugi!  
As igrejas ruindo os idolos esmagam,  
E na amplidão azul o novo Deus sorri!

O' almas que soffreis, em que os terrores vagam.  
Operarios sem pão, escravos que sangraem,  
Ouvi, sorrindo, os sons que ao longe se propagam

Com o profundo fragor dos borrascosos mares,  
Vão rolando, rolando, em ancias infernaes  
Pelo abysmo fatal das raivas populares:  
A tiara do papa e as purpuras reaes!...

## O miseravel

A LUIZ MURAT

Tem o rosto enrugado, apathico, amarello,  
E na franzida bocca um riso desgostoso.  
E baixinho, enfezado, icterico, nervoso,  
Com olhares febris e alvissimo cabello.

Traz vestido no corpo um paletot seioso  
E' tristonho e quebrado o seu chapéo de pello.  
E não consta que alguém recorde-se de vel-o  
Soccorrer um mendigo ou rir-se jubiloso.

---

Come uma vez ao dia e dorme n'um estrado  
Nunca teve familia e vive abandonado  
Como um velho, leproso e salitario cão.

—Um sobrinho remoto ha de esbanjar na orgia  
A riqueza que o velho em annos de agonia,  
Desvairado juntou na febre da ambição.

S. Paulo—1870.

## A tristeza do Diabo

(LÍRICO)

A THORVALD DIAS

Os punhos a morder, imóvel e calado,  
Pelo manto fatal das neves envolvido,  
Sobre um pieo de gelo eterno guardado  
Deve-se a uma noite, o antigo Fulminado.

A terra prolongava, em baixo, os braços, ingente,  
As plúas em que o mar estende os braços fúidos.  
Em cima, solubilava o céu chelo de mundos;  
Ella, porém, estava a sombra unicamente.

---

E d'alli dardejava os olhos inflamados  
Ao pego que condensa as coleras austeras,  
Onde o formiguejar dos homens e das feras  
Pullula no perpassar dos sec'los irritados.

E elle ouvia subir hosanas fementidas,  
Os *Te-Deum* dos reis, os ais e as maldições,  
O fundo estertorar das miserias nações,  
E os justos a gemer em ancias doloridas.

Este concerto extranho e funebre do mal  
Tão velho como o mundo e como a raça humana,  
Mais forte e mais revel que a sua raiva insana,  
Cercava de fragor o tetrico Immortal.

Elle voltou d'um salto aos tempos insondaveis,  
Em que habitou tambem o céu azul profundo,  
Ante o estúpido horror do seu destino, um fundo  
Tremor enregelou-lhe os membros formidaveis.

Braços e pés crispando, ergueu a grande voz,  
Elle, a victima antiga, o sonhador primeiro,  
E o brado seu feriu o espaço sobranceiro,  
Em que fervido boia o espumejar dos sées:

---

—Como uma horrivel chuva os dias meus, que horror !  
Se accumulam em vão na minha eternidade.  
Orgulho, desespero, e força é só vaidade  
E a luta me aborrece e peza-me o furor.

O odio como o amor me tem atraído:  
Eu bebi todo o mar dos prantos infecundos.  
Tombae e me arrasae, raios, montões de mundos !  
Que no sagrado somno eu seja mergulhado !

E os venturosos vis e as raças doentias  
Nos espaços de luz, immensos, immortaes,  
Este brado ouvirão : E' morto Satanaz !  
E acabarás emfim, ó obra dos seis dias !...

Tinguy, Junho, 1879.

## Mais um soldado

Peguei da espada e vim juntar-me aos combatentes.  
Vae accesa a batalha. As lanças luminosas  
No punho dos heroes serenos, inclementes,  
Dizimam do Passado as legiões trevosas.

Como do rude mar as vagas estrondosas,  
Estouram do combate os gritos estridentes,  
E as phalanges do Mal em turbilhões ardentes,  
Vão recuando já vencidas e medrosas.

O sol como um juiz preside à grande lucta !  
O dogma, o privilegio, o despotismo, a dôr,  
Vacillam da Justiça a voz que além se escuta !

—Pois bem. Lancei-me ao prelio. E' fraco o lutador,  
Porém da sua espada a lamina impolluta  
A Liberdade a fez nas forjas do valor.

S. Paulo, Setembro, 1879.

## Indice

Carta . . . . .	9
Idea nova. . . . .	11
O heroe moderno . . . . .	13
Mão . . . . .	23
O Deus mendigo . . . . .	25
Piedade catholica. . . . .	31
Prenuncio de aurora. . . . .	33
A um incauto . . . . .	37
Carta ao exm. barão de * * *	39

Via lux . . . . .	
— Poemas da roça . . . . .	
I De manhã . . . . .	
II Ao meio-dia . . . . .	
III A tarde . . . . .	
A um morto obscuro . . . . .	
Velha historia . . . . .	
Contraste . . . . .	
Os dous edificios . . . . .	
Sancta simplicitas . . . . .	
No futuro . . . . .	
O miseravel . . . . .	
A tristeza do Diabo . . . . .	
— Mais um soldado . . . . .	





nos campos de Montevideo huma attitud hostil e amosa-

Seguido do seu ajudante, a quem appellára com o

Do passo-geral começa a erguer-se hum collina, que a

Já das vislindas matas se derivava o antigo, os

Do devoto trabalho de traçar as dimensões da igreja

Aventurava no continente, e por especulações simo-

Mai susceptível de impressões do dos principios re-

Resolvi-me pois a partir, unicamente acompanhando

Chegamos a Rio-Mauprat a hum dos primeiros alou-

Resolvi-me pois a partir, unicamente acompanhando

diosa e liferante que lhe prescrevia, como a huma raga

Raça de degenerada pelo homem civilizado, por elle pro-

Pouco distante da collina em que se traçava a capella

Além da necessidade que punha os Guaranis para a fa-

(Continua.)

REPARTIÇÃO DA POLICIA.

Das partes recebidas hoje não consta ter occorrido no-

Despachados.

Montevideo — João Sebastião Ceva, Sardo

MARSELHA — Francisco Manera e Pedro José Lisch,

PRINCEBICO e BARRIA — Henrique R. Schmitz, Suíço,

EDITAES.

Joaquim Teixeira de Macedo, inspector interno da

rente, se lião de arrematar, em praça, no meio dia, na

Joaquim Teixeira de Macedo, &c., faz saber que, no dia

Joaquim Teixeira de Macedo, inspector interno da

Joaquim Teixeira de Macedo, inspector interno da

DECLARAÇÕES.

O assazal de guerra necessita comprar peças de cabo

Os directores da companhia brasileira de papéis de vapor

A Directoria da companhia de navegação de Niterroij

Resumo do 3.º dia de extracção da 194.ª loteria a bene-

1.º 1000

THEATRO.

NITERROIJENSE.

Beneficio de José Maringagli, sexta feira 28 do cor-

Hymno de gratidão,

ACMETE e RAKIMA.

O beneficio alleccionado do Sr. presidente da sociedade

O beneficio cantará,

Julietta e Romeo,

Tinha aberto nova entrada na casa, circumstancia que

Em quanto accendi o fogão, senti-me a hum ca-

Para não ir a hum coisa muito aprazivel ter desco-

A vista do leão antigo de columna com fôrma de pi-

Roberto Devereux, de Daniretti, acompanhado, em ambas pelo Sr. Isidoro

PARTE COMMERCIAL.

ALFANDEGA.

Manifesto da barca hamburgueza Kate, entrada

CONSULADO.

EMBARQUES DESPACHADAS NO DIA 27.

MONTEVIDEO — Brig. sardo Lerca, 138 tons, consig.

PRINCEBICO — Brig. Bom Jesus, 210 tons, prop.

DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO EM 27.

Porto — Brigate portuguez Oliveira: José Bento de Arnu-

Lisboa — Brigate portuguez Triunpho da America: Jo-

Montevideo — Brigate escota Bonita Porto: José Fran-

Brigate oriental Feliz Petrona: Joaquim Francisco

Brigate da Silva, 10 pipas sacardente; José Manoel

Brigate de Bona Esperanza — Brigate inglez Olivia: Antonio

Hamburgo — Brigate hamburgueza Linburgo: José An-

EMBARQUES EM 27.

1,660 saccos café, para fôrma do imperio.

120 saccos doce, para Montevideo.

18 arrobas de algodão, para dito

2,788 saccos café, para fôrma do imperio.

51 pipas aguardente, para Montevideo.

1 caixa assucar, para Hamburgo.

14 ditos dito, para o Porto.

2 caixas assucar, para o Porto.

2,024 chifres, para Hamburgo.

rafas, em que meu avô deo os ultimos suspiros, entre

O DESPERTADOR

COMMERCIAL E POLITICO

RIO DE JANEIRO. Typ. da assoc. do Despertador, rua da Quitanda n. 55, dirigida por F. de S. Torres Homem.

ASSIGNATURAS: Por trimestre..... 40000 Por semestre..... 80000 Per anno..... 160000

Table with 3 main sections: CAMBIOS EM 29 DE FEVEREIRO, EPHEMERIDES E METEOROLOGIA, and PARTIDA DOS CORREIOS. Includes exchange rates, weather forecasts, and train schedules.

PARTE POLITICA.

PORTUGAL. Lisboa, 7 de janeiro. O MINISTERIO E A CAMARA. Nós que não entendemos nem podemos conceber em hum systema representativo mudanças de ministerio impostas por motivos estranhos ás conveniências publicas...

Esta opinião, este sentimento generalizado tornou-se nacional, e suas vozes não podião deixar de ser attendidas pelo chefe do estado. Aos males internos acceção embaraços externos que urgia solver, e nem hum nem outros podião ser satisfactoriamente removidos pelos homens que se achavão no poder.

divíduos, repelle-os como representantes de princípios e paixões inconciliáveis com o socego, bom governo e felicidade da nação. Orçamentos em globo a esquerda he que os votou, depois de ter exalado até os céos a discussão, verba por verba.

A CELEBRAÇÃO DA PAIXÃO DE JESUS-CRISTO ENTRE OS GUARANIS. (Episodio da...) II. O CONCURSO FESTIVO. O horto da creação da capella de Agreite, com a aldéa accessoria, e de que os Guaranis da columna-Abreo se propunhão a restabelecer até a celebração annua da paixão de Jesu-Christo...

O conhecimento que tínhamos das suas opiniões e das necessidades publicas, o clamor, a irritação e frenesi do partido democratico legitimavão nossa indução, por ultimo confirmada pelo programma definido e explicito, offerecido pelo ministerio na abertura da sessão.

Do modo que se acha constituido o actual parlamento, ainda quando nelle obtivesse maioria, será necessariamente insignificante, quasi nulla, precaria, e afrontada pela mais frenética e tempestuosa opposição.

RIO DE JANEIRO, 28 DE FEVEREIRO. ABERTURA DA ASSEMBLEIA PROVINCIAL. Hontem, 1.º de março, foi aberta a sessão da assembleia de 36, não como consequencia daquella, mas como hanciera de paz, e ponto de partida para todas as periclitadas politicas.

Taes noticias puderão em movimento para o passo geral do Urupitatan numerosos bandos das diversas raças que habitão a campanha. Não era sem interesse ver hum familia guarany em viagem. O seu chefe tinha a precedencia na marcha, tocando os cavallos que não erão montados.

A propriedade, a seguiança individual se tornão cada vez mais precaria; os direitos politicos, o direito eleitoral forão substituidos pela dictadura dos pombales e dos caceetes; o commercio, a agricultura, as artes, sobre-cargadas de tributos e extorsões, huma chegridão não perto de sua total ruina.

Estranhos á politica do ministerio, cujos arcanos não procuramos deavasar, dirimos com franqueza o que tivermos por mais conveniente aos interesses do país. Hum ministerio de ordem e legalidade deve á nação hum parlamento legitimo, e não pôde ganhar a força moral, de que precisa, com o apoio de hum camara que ousou reconhecer-se illegitima, em menoscabo da lei e da soberania nacional, invocando hum necessidade de momento, o que hoje não existe.

VARIETADES. Com o numero de hontem principiámos a publicar a variedade intitulada A paixão de Christo entre os Guaranis. Esta peça, curiosa e importante a todos os respeito, não a devemos a hum official brasileiro, distincto por suas luzes, e pelos altos empregos em que tem servido a nação.

(1) Para comprehender este phrase local, cumpre saber-se que inda assegura mais o animo do cavalleiro de S. e firma sua esperanca, que o feço que traz exultando no lado direito da garupa e preso a atilhas de couro, a que chamão tentas.

ROMANCE.

MAUPRAT. POR GEORGE SAND. João Mauprat replicou-me "está vivo, e Antonio Mauprat tambem creio que não morreu. Eu não me admiro diste, porque já tive noticia daquella alma do outro mundo que acell'esta vive. Mas, que elle tenha realmente professo na Trappa, que não por aqui desferido para fazer alguma das suas, dou-lhe de conselho que tome sentido em si..."

"Eu venho" disse elle "entregar-me nas mãos da justiça, para expiar no cadafalso os crimes que tenho commetido. No silencio da noite, em quanto os meus irmãos decaçavão poucas horas em leitos duros, eu vigio continuamente, e os meus olhos manceados não deixavão o somno. Se algum instantão, cedendo ao cansaço, as pesadas palpebras interceptão á vista os objectos exteriores, huma voz lugubre que me straveza o coração como hum aguilhão espulso me desperta arrebatado, e me repete o que eu proprio não ignoro:— Colaride miseravel, o tenor que tínhas dos teus semelhanças he que te fez acolher ao sanctuario do Senhor; e se a morte não te asustasse, a vida eterna te não lembraria. — Eu he conhecido então realmente que a ignominia deste mundo tem mais poder em mim do que o nome de Deus. Tempo he já que este martyrio, sem utilidade para a minha alma, tenha fim; e dia em que os homens laçoarem sobre mim todo o opprobrio que tenho merecido he que a minha alma será purificada e digna de apparecer ante o tribunal justo e tremendo, e de fallar com Jesus, meu salvador, dizendo:— Escuta-me, victima innocente, assim como ovistae na cruz o bom ladrão, victima indigna mas arrependida, associada á gloria do teu martyrio, e remida com o teu sangue."

cujo termo doloroso he nestas visinhanças. Quando elle fallou em mim, olhos obliquamente para o lugar onde eu julgava estar bem descaçado. "Seja-me lido perguntar-lhe, se não teme que offendido pelos meus tratamentos que outrora lhe fez, agora he não queira d'os cuvidos?" "Estou certo que não ha de querer" continuou o frade, olhando sempre para o lugar onde eu estava, "mas, espero que o senhor quererá interceder por mim; e como elle he meu amigo, he de ceder, principalmente se lhe disser que nisso mesmo se acha interessada a honra do seu nome."

participar as suas intenções; e nós decidimos de tratar este negocio em particular, sem dizer nada ao cavalleiro nem á Edma, para lhes não dar inuteis inquietações. Depois de reflectir maduramente a respeito das intenções proaveis de Fr. João, decidí conceder a conferencia pedida. Elle de certo não se havia persuadido que eu me tentaria enganar pela sua astucia; mas, convinha-me fazer tudo quanto me fosse honestamente possível para o effecto de garantir na pacifica habitação do cavalleiro, e de senenar intrigas embaraços do venerando velho. No dia seguinte, fui á cidade, com bastante repugnancia entrei no convento dos carmelitas, onde o reverendo Fr. João se recolhia. Perguntei por elle; mas, em lugar de me conduzirão á cella desta, levárão-me á do prior, o qual me recebeu com exagerada cordialidade. Fez-me sentar perto de si, perguntou-me pelas minhas visões, e, finalmente, com grande espanto meu, continuou a fallar-me desta sorte: "Eu já sei, meu cara filho, o objecto desta visita; e quero ver o tanto humo seu parents, modelo de virtude, e exemplo da graça efficax que Deos, em sua infinita misericordia, distribue, quando lhe agrada aos seus escolhidos."

(\*) Vileo os ns. 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578 e 579 do Despertador.



